

PERCEPÇÃO DA MULHER FRENTE À DOR DO PARTO

Woman perception ante of childbirth pain

Artigo Original

Elyda Priscila de Lima ¹

Centro Universitário Tabosa de Almeida – Asces-Unita

Klecianne da Costa Firmino¹

Centro Universitário Tabosa de Almeida – Asces-Unita

Tamirys Renata Lima Correia¹

Centro Universitário Tabosa de Almeida – Asces-Unita

Nayale Lucinda Andrade Albuquerque²

Centro Universitário Tabosa de Almeida – Asces-Unita

Elyda Priscila de Lima

Centro Universitário Tabosa de Almeida – Asces-Unita

Av. Portugal, Bairro Universitário – Caruaru-PE – Brasil

(81)992711383 elydapl@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Conhecer a percepção da mulher frente à dor do parto. **Métodos:** Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado numa maternidade referência secundária para gestação de alto risco em Caruaru-PE no período de julho a agosto de 2016. Participaram desta pesquisa 13 mulheres que se encontravam no pós-parto mediato e imediato, após a experiência do parto normal de baixo risco. A entrevista foi realizada após leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e as falas das participantes foram submetidas à técnica de análise de conteúdo de Bardin. O estudo só foi iniciado após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** Dentre as 13 mulheres entrevistadas, verificou-se uma faixa etária que variou de 16 a 37 anos, a escolaridade variou entre ensino fundamental e médio incompleto, 07 mulheres eram multíparas e 6 primigestas. A partir da análise das falas, emergiram 02 categorias: “ Dor do parto e seus diferentes significados “e” Sentimentos ambíguos diante da dor do parto”. **Conclusão:** As mulheres possuem uma percepção variada da dor do parto, perpassando a compreensão de que é algo predeterminado por Deus, é algo natural e, por mais que essa dor seja insuportável, é algo passageiro, pois logo que a criança nasce todo esse processo doloroso é esquecido, gerando prazer e satisfação em ser mãe, por isso é importante uma atenção humanizada ao parto para que esse momento seja uma experiência prazerosa na vida da mulher.

Descritores: Dor do Parto, Pesquisa Qualitativa, Parto Normal.

ABSTRACT

Objective: Knowledge the woman's perception ante of childbirth pain. **Methods:** Study descriptive of area, of qualitative approach, accomplished in a maternity reference secondary for high-risk pregnancy in Caruaru-PE in the duration of July and August of 2016. Engaged of this search 13 women that was found in after-childbirth mediate and immediate, after an experience of the normal childbirth of low risk. The interview was accomplished after the reading and signature of the free consent term and enlighten and the speech of the participants were submitted to Bardin's technique analysis of content. The study was introduced after approbation of Ethics Committee in Search. **Results:** Among 13 women interviewed, demonstrate age group diverse between 16 to 37 years, scholarship diverse between elementary education and incomplete high, 07 women were multiparous ad 6

primogenital. Along of the analysis of speech, developed 02 categories: "Childbirth pain and your different meaning" and "Ambiguous feelings along to childbirth pain." Conclusion: Women carry a diverse perception of childbirth pain, pass by the comprehension of it is something predetermined of God, something natural and, regardless of the unbearable pain, it is something ephemeral, whereas that the child born the whole painful process is forgotten, developing pleasure and satisfaction of becoming a mother, this is the reason that is important a humanized attention to the childbirth for this moment become a bliss experience in the women life.

Descriptors: Childbirth Pain, Qualitative Search, Normal Childbirth.

INTRODUÇÃO

Segundo historiadores bíblicos, a dor do parto foi designada por Deus como uma punição, sendo relacionado com a necessidade de vivência da dor como um processo de purgação do pecado. Em Gênesis, Deus sentenciou para a mulher: “Multiplicarei grandemente o teu sofrimento na gravidez, em meio a agonia darás à luz filhos”⁽¹⁾. Dentro da perspectiva histórica o conceito da dor se amplia, sendo assim destacada por estudiosos que a dor é tida como um elemento ruim.

Na história da antropologia, a interpretação cultural da dor remonta às mitologias primitivas e arcaicas que tinham uma concepção dualista: bem e mal. Os humanos primitivos faziam parte da ecologia ambiental e tinham da dor uma imagem associada ao mal e ao sofrimento, considerada coisa de inimigo, que provoca dano⁽²⁾.

As mulheres estão rodeadas por expectativas dos medos que permeiam o trabalho de parto, por isso atribuem significados a partir da experiência vivida, formando diversas percepções sobre a dor, minimizando os efeitos negativos após obter a satisfação de ser mãe.

A parturição pode ser vivida como uma experiência prazerosa ou traumática, sendo que esta vivência é influenciada pelo grau de maturidade da mulher, pelas experiências pessoais e familiares anteriores, assim como pela assistência recebida durante o pré-natal e o parto⁽³⁾.

Uma equipe de saúde ausente traz ainda mais angústia e ansiedade para a gestante, piorando a sua visão sobre um parto já simbolizado por sofrimento e dor física, levando ao temor sobre o atendimento na hora do parto⁽⁴⁾.

Na maioria das vezes, os profissionais que acompanham os partos não estão aptos para tratarem dessa dor de uma forma não invasiva, ou seja, com massagens, redução da luz, exercícios, música, dentre outros. Desse modo, a mulher fica amedrontada, pois já está em um ambiente que não lhe é familiar, com profissionais que realizam uma série de intervenções comprovadamente desnecessárias e, tudo isso, faz com que o trabalho de parto seja mais demorado e sofrido⁽³⁾.

O alívio da dor deve ser uma prioridade para os profissionais de saúde, sendo feito através de métodos farmacológicos e não farmacológicos. A partir disso, torna-se indispensável que o profissional de saúde busque compreender a dor conforme o contexto sociocultural de cada mulher, tendo uma visão holística, favorecendo o cuidado obstétrico humanizado, oportunizando uma participação ativa da gestante e atendendo as suas necessidades, de acordo com suas expectativas em relação à dor e ao parto.

Assim, este trabalho tem a finalidade de conhecer a percepção da mulher frente à dor do parto, a fim de auxiliar estudantes da área de saúde, profissionais e população em geral a conhecer o processo do parto, a dor do parto e possibilitar a construção de formas de cuidado baseadas em evidências científicas e humanísticas.

MÉTODOS

É um estudo de campo, descritivo, de abordagem qualitativa, realizado no Hospital Jesus Nazareno, em Caruaru-PE, no período de julho a agosto de 2016, contando com a participação de 13 mulheres e 01 mulher que optou pela saída da pesquisa, onde este total de participantes foi determinado pelo critério de saturação dos dados. Foram incluídas no estudo as mulheres que se encontravam no pós-parto mediato e imediato e que passaram pela experiência do parto normal de baixo risco, sendo o recrutamento realizado a partir de visitas nos alojamentos conjuntos.

Utilizou-se um questionário semiestruturado, contendo as seguintes questões norteadoras: “*Como foi a experiência no parto?*”, “*O que você acha sobre a dor do parto?*” e “*Como você pensava que seria essa dor?*”. A entrevista foi realizada em um local de disponibilidade da instituição e que preservou a identidade da mulher, após leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

As falas das participantes foram submetidas à técnica de análise de conteúdo de Bardin, a fim de serem categorizadas. O projeto de pesquisa teve aprovação pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Tabosa de Almeida, obedecendo, assim, os princípios que regem qualquer pesquisa realizada com ser humano, conforme a resolução 466/12, que incorpora, princípios da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado.

RESULTADOS

Dentre as 13 mulheres que participaram do estudo, a faixa etária variou de 16 a 37 anos, 7 mulheres eram multíparas, 6 primigestas e a escolaridade variou entre fundamental incompleto e ensino médio incompleto. Após a análise de conteúdo das falas, emergiram duas categorias temáticas: “ Dor do parto e seus diferentes significados ”e “ Sentimentos ambíguos diante da dor do parto”.

Categoria 1. Dor e seus diferentes significados

A dor sentida biologicamente esteve fortemente representada nas falas das entrevistadas, caracterizando-a como algo inexplicável, intolerável, superando até idealizações formadas antes do período expulsivo, conforme relatos abaixo:

“ (...)sei lá uma dor insuportável (...)”(E2)

“É uma dor horrível, é demais (...)”(E3)

“ Uma dor muito grande ... sai queimando tudo quando a cabeça vai passar, o ombro também. Aí queima tudo, a pessoa sente rasgando também”. (E9)

“ (...) uma dor sem explicação né? A gente acha que é uma dor pequena, mas quando chega é outra dor, uma dor que a gente não consegue explicar, mas que dar pra aguentar”.(E10)

A representação social sobre a parturição identifica-a como uma etapa dolorosa do processo fisiológico da gravidez, sendo a resposta comportamental influenciada pela dimensão emocional e ambiental. Fatores socioculturais interferem no modo como a parturiente sente e interpreta o processo de parturição ⁽⁵⁾.

Algumas mulheres referiram que após o parto, existe uma grande recompensa que é ter seu filho nos braços. Para elas, o desejo de vivenciar a maternidade faz com que compreendam a dor como processo essencial para que haja o recebimento do filho tão esperado, conforme falas a seguir:

“(...) a gente sente muita dor, mas depois que tem é muito emocionante, a gente esquece até da dor com a emoção, aí nem lembra mais da dor.” (E11)

Componente natural e essencial da maternidade, embora represente sofrimento, é o desejo de vivenciar e sentir-se capaz de gerar um filho. O parto normal, como uma experiência maior que a experiência física, centrada na sua mente, lhe dá força para lidar com o nascimento ⁽⁶⁾.

De certa forma, essa dor é vista pelas mulheres como o marco inicial da maternidade e que o “preço a ser pago” por esta, poderia ficar “quase esquecida”, após o prêmio que seria a chegada do filho. No imaginário de muitas mulheres, ser uma boa mãe é aquela que sofre às dores do parto, com a finalidade de cumprir o seu papel. Isto pode ser uma hipótese de que este seria um fator motivador ao parto, de que a dor não seja causa impeditiva à procriação, permitindo, assim, a postergação da espécie ⁽⁷⁾.

A dor também foi caracterizada como algo rápido, fácil de ser esquecida, sendo reduzida quando seu filho nasce.

“(...) mas é uma dor relevante que na hora que a criança nasce some tudo. Num tem mais dor nenhuma como se tivesse normal só fica incomodando a barriga, mas depois passa.” (E3)

“(...) não é tão dolorido assim como as pessoas diz. É uma coisa rápida (...)”. (E1)

“(...) depois que a criança nasce ela passa né? Enquanto ela tá dentro, você tá sofrendo, mas depois que saiu, pronto, alívio totalmente.” (E4)

A dor de parto pode ter um aspecto importante e diferenciado de acordo com cada sociedade, já que a mesma é influenciada por fatores biológicos, culturais, socioeconômicos e emocionais.

Assim sendo, a escolha e a forma como a mulher vivencia o trabalho de parto deve ser levada em consideração, sendo necessária uma assistência que garanta e o cuidado de maneira integral. Por isso, os profissionais devem estabelecer linhas de cuidados farmacológicas ou não, sempre respeitando a individualidade de cada parturiente.

A efetividade e a segurança dos procedimentos obstétricos e a qualidade da assistência foram apontados como o tripé para a humanização, por sua relevância na garantia da satisfação da mulher em relação ao processo parturitivo e, conseqüentemente, a garantia do seu direito ao parto como experiência prazerosa ⁽⁸⁾.

A humanização do parto envolve a promoção de uma assistência de qualidade, através do alívio da dor, do conforto físico e emocional, mas também da liberdade para a mulher escolher como deseja ter o bebê, respeitando sua autonomia, sua individualidade seu poder de decisão e de troca com o profissional ⁽⁹⁾.

Esta redução da dor também é apresentada como positiva, já que após o parto, a mulher não vai mais “sofrer com dor”, como seria numa cesariana.

“ (...) mas em compensação é bom. Você fica boa depois. Só a dor é naquele momento mesmo ”. (E2)

“ (...) é uma dor que você se recupera mais rápido que uma cesária, eu prefiro entendesse, é normal ”. (E1)

No Brasil, o parto normal está associado à figura de dor e sofrimento que, pelo caráter fisiológico do evento, impõe à mulher um comportamento de superação frente à dor do trabalho de parto. Interpretada socialmente como “fisiológica”, ou seja, como parte da natureza do evento, gera conflitos de natureza afetiva, emocional e metabólica, expõe a fragilidade das mulheres frente à sua percepção pessoal e favorece a representação feminina do parto com base em medos e mitos como, por exemplo, a crença de que a cesárea decidida e agendada com antecedência proporcionará um “parto sem dor” ⁽¹⁰⁾.

Ao longo dos tempos, foi crescente a medicalização da sociedade brasileira e o parto constitui um marco nesse processo, caracterizando-se como uma forma especial de

medicalização. Nesse evento, o medo de sentir dor colaborou para aumentar, em muito, as intervenções invasivas no corpo feminino ⁽¹¹⁾.

O parto normal sempre foi considerado algo muito temido, no qual todas as mulheres o associam como uma dor exacerbada, por isso as cesarianas cresceram nos índices acabando por contribuir na medicalização do corpo feminino, nos quais eram realizados procedimentos cirúrgicos por indução, já que as mulheres sempre deixam evidentes do medo do parto normal. Em contrapartida a isto, expressa que mesmo com toda aquela dor, o parto por via normal ainda é preferível por ter algumas vantagens como recuperação mais rápida, mínimas complicações que o Cesário.

Para algumas mulheres, o parto normal floresce um sentimento maternal, uma cumplicidade entre mãe e bebê, que a faz considerar-se mais mulher e sentir-se realmente mãe ⁽¹²⁾.

Outro fator identificado nas análises foi a designação divina de que a mulher tivesse a missão de ser mãe, ou seja, seu corpo foi preparado fisiologicamente para gerar um novo ser no seu ventre e trazê-lo ao mundo, porém, a partir da dor sentida no parto. Dor esta caracterizada como punitiva ao olhar divino. Este fato pode ser verificado em algumas falas a seguir:

“ (...) Sei lá uma dor insuportável que ... só coisa de Deus mesmo, né? Deus fez a gente assim, pra sofrer (...)” (E2)

“(...) porque foi Deus quem fez e se Ele fez, Ele sabe o que faz (...)” (E13)

As mulheres passam pelo ciclo gravídico e, em consequência disso, estão destinadas a sentir a temida dor do parto que, embora seja considerada intolerável, é um processo natural, pois Deus deu o dom à mulher de parir.

Em cada sociedade a dor no parto é vista de uma maneira, mas, na maioria das vezes, é vista como um marco inicial da maternidade e na mente de algumas mulheres, a boa mãe é aquela que sofreu as dores do parto para cumprir o seu papel de mulher e mãe ⁽¹³⁾.

Categoria 2. Sentimentos ambíguos

Sentimentos de superação e êxtase

A dor do parto esta rodeada por diversos sentimentos que são reconhecidos a partir da experiência vivida. Estes sentimentos, ao contrário do que se pensa logo quando se aborda o tema, podem ser de ordem satisfatória, ligada ao prazer e sensação de superação de cada mulher.

“ (...) é pelo medo ou pela coragem de ter a criança. A vontade de ter ela não é tão dolorido assim, como as pessoas diz (...)”(E1)

“(...) é bom porque a gente sabe que tudo passa ... a gente vai realizar o sonho de ter um amor pra vida toda”. (E7)

“ (...)é uma dor satisfatória, é uma dor prazerosa, porque é o momento que você sabe que você vai conhecer quem tanto você esperou, quem tanto você carregou durante aquele tempo todo com aquela expectativa de encontrar. Você sabe que vai ser seu eterno amor e... é o momento mais bonito que eu acho que existe pra uma mulher, porque é uma dor que você sabe ... Eu to ali naquela luta, mas eu vou botar a vida mais importante do mundo, a vida que eu gerei (...)” (E14)

Entretanto, historicamente, o parto está relacionado ao mito de algo intolerável e muito doloroso fisicamente. Suportá-lo é quase que o sinônimo de “dar à luz”. Para as mulheres isto já é entendido desde muito jovens, às quais esperam que o parto seja permeado pela dor para que, posteriormente, o alívio venha junto ao prazer da chegada do filho ⁽¹⁴⁾.

Assim, percebeu-se, entre os depoimentos, que passar por todo esse sofrimento acarreta insegurança nas mulheres, mas com chegada de seu filho surge a concretização desse amor incondicional e verdadeiro, no qual toda aquela angustia, aflição, desespero, tornam-se insignificantes trazendo o sentimento de prazer e felicidade.

As autoras perceberam que as mulheres estão anatômica, fisiológica e socialmente atreladas em ser mãe e, quando confirmada sua gravidez, uma série de fenômenos corporais e sentimentais se tornam presentes, porque além de estarem felizes por esse processo, relatam

também o medo de sentir a dor do parto. Sentir esse medo se tornou uma representação do trabalho de parto diante da dor.

A dor do parto envolve diversos sentimentos sendo o medo o mais frequente, a partir disso, estudos trazem que a tocofobia é o termo utilizado para definir o medo aflitivo, um temor exacerbado do parto, que se torna um medo patológico geralmente oriundo de experiências anteriores malsucedidas associadas à dor e ao sofrimento no parto, como, por exemplo, partos instrumentalizados e traumáticos, geralmente sem o auxílio da analgesia de parto ⁽¹⁵⁾.

A representação social sobre a parturição identifica-a como uma etapa dolorosa do processo fisiológico da gravidez, sendo a resposta comportamental influenciada pela dimensão emocional e ambiental. Fatores socioculturais interferem no modo como a parturiente sente e interpreta o processo de parturição ⁽¹⁶⁾.

O parto, diferentemente da gravidez em que um longo período favorece a adaptação gradativa das mudanças, caracteriza-se como evento que provoca mudanças abruptas e intensas, as quais demarcam alguns níveis de simbolização como a intensidade da dor e a imprevisibilidade, causando sofrimento, ansiedade e insegurança ⁽¹⁷⁾.

As mulheres passam toda a gestação idealizando positivamente ou negativamente o nascimento, que se concretizam no momento do parto. Na maioria das vezes, estão convictas de que toda essa etapa dolorosa é algo passageiro e, mesmo que em meio à dor, de alguma forma conseguem se adaptar e quando tudo se finaliza percebem que aquela experiência é única. De acordo com os trechos das entrevistas:

“(...) só realmente mulher guerreira consegue ter um filho, porque né todo mundo que aguenta não (...)”(E2)

“(...) porque a gente sabe que tudo passa (...)”(E7)

“(...) é boa porque valeu a pena todo sofrimento (...)” (E7)

“(...) na hora a gente pensa que não consegue, mas consegue (...)”(E7)

“(...) eu sei que senti dor né, mas depois saber a gente vai ter uma coisa pra vida toda, pra mim foi um prazer uma experiência muito grande (...)”(E10)

Durante a análise foi considerado que o parto não é só um processo fisiológico como também é psicológico e ambiental e que estes repercutem na progressão positiva ou negativa do parto, por isso deve-se atentar que os sentimentos e o meio interferem na forma como a parturiente irá se portar no parto.

O parto normal é marcante na vida de uma mulher e a dor é uma complexidade de respostas ao desconforto sendo única para quem sente, desencadeando diversos fatores que são significativos à experiência dolorosa vivenciada por cada mulher. Por isso, é importante compreender a dor sentida pela parturiente e usar de mecanismos que venham amenizá-la.

CONCLUSÃO

O presente estudo apresenta-se como relevante para a assistência ao parto, por buscar compreender a percepção da mulher frente à dor do parto e todos os fatores que influenciam no trabalho de parto, sendo estes uma boa assistência e um ambiente favorável, especialmente para aquelas que vivenciaram o parto normal.

O estudo mostra que que, por mais que essa dor seja insuportável, é algo passageiro, e logo que a criança nasce todo esse processo doloroso é esquecido vindo o prazer e a satisfação em ser mãe. Salienta-se a importância de uma assistência de enfermagem humanizada no parto, pois isso repercute na experiência vivida pela mulher e em suas percepções.

REFERÊNCIAS

1. Bíblia. Português. Bíblia Sagrada. Gêneses. São Paulo (SP): Editora Ave-Maria Ltda; 2010.
2. Tornquist, C.S. Armadilhas da nova era: natureza e maternidade no ideário da humanização do parto. *Ver Estud Fem.* 2002 Jul-Dez; 10(2):483-92.
3. Nascimento, N. M.; Progianti, J. M.; Novoa, R. L.; et. al. Tecnologias não invasivas de cuidado no parto realizadas por enfermeiras: a percepção de mulheres. *Esc. Anna Nery*, 14(3), 456-461.
4. Progianti, J.M. Parteiras, médicos e enfermeiras: a disputada arte de partejar. Rio de Janeiro–1934/1951 [tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2001.
5. Maldonado, M.T.P – Aspectos Psicológicos da Gravidez do Parto e do Puerpério. *Psicologia da Gravidez*. 16ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2002;48-60
6. Caron, O.A.; Silva, I.A. Women in labor and obstetrics team: difficult art of communication. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*; 10(4):485-92, 2002.
7. Maldonado MTP – Aspectos Psicológicos da Gravidez do Parto e do Puerpério, em: Maldonado MTP – *Psicologia da Gravidez*, 16ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2002;48-60.
8. Costa RA, Figueiredo B, Pacheco AP, et al. Tipo de parto: expectativas, experiências, dor e satisfação. *RevObstetGinecol* 2003;6(26):256-306

Diniz, C.S.G. Dossiê humanização do parto. Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. São Paulo (SP); 2002

9. Brasil. Ministério da Saúde. Programa de Humanização do Parto: humanização no pré-natal e nascimento. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2002.
10. Pereira, R.R. Anestesia e Analgesia de Parto: Impacto na Amamentação. Amamentação: Bases Científicas.3ª Ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2010;138-139. 7.
11. Ranconi, A. P. L; et al. A dor e satisfação durante o trabalho de parto em primigestas: visão da parturiente e do obstetra, Rev. Dor São Paulo, v.11, n.11, p.277-81, dez, 2010. [Acesso 11 jan 2014] Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1806-0013/2010/v11n4/a1647.pdf>
12. Ruano R, Prohaska C, Tavares AL, et al. Pain of childbirth – is it a suffering or need? RevAssocMedBras 2007;53(5):377-84.
13. Santos, R. B.; Ramos, K. S. Sistematização da assistência de enfermagem em centro obstétrico. Rev. Bras. enferm. [online]. Recife, v.65, n.1, p. 13- 18, jan./fev. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n1/02.pdf> Acesso 12 jan 2014.
14. Lopez RCS, Donelli TS, Lima CM, et al. O antes e o depois: expectativas e experiências de mães sobre o parto. Psicologia: Reflexão e Crítica 2005,18(2):247-54.
15. Hofberg, K.; Brockington, I. Tokophobia: an unreasoning dread of childbirth. A series of 26 cases. Brit J Psychiatry, 2000;176:83-85.m 6

16. Ruano R, Prohaska C, Tavares AL, Zugaib M. Dor do parto: sofrimento ou necessidade? VerAssocBrasMéd [Internet]. 2007 [cited 2007dez 14];53(5):384. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v53n5/a09v53n5.pdf>.
17. Caron, O.A.; Silva, I.A. Women in labor and obstetrics team: difficult art of communication. Revista Latino-Americana de Enfermagem; 10(4):485-92, 2002.